

COLEÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS  
SÉRIE ENSAIOS

Joaquim Pinheiro  
José Ribeiro Ferreira  
Nair Castro Soares  
Rita Marnoto

# CAMINHOS DE PLUTARCO NA EUROPA

2ª EDIÇÃO REVISTA E AUMENTADA



**CECH**  
CENTRO DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Todos os volumes desta série são sujeitos a arbitragem científica independente.

AUTORES: JOAQUIM PINHEIRO, JOSÉ RIBEIRO FERREIRA, NAIR CASTRO SOARES, RITA MARNOTO

TÍTULO: *CAMINHOS DE PLUTARCO NA EUROPA*

EDITOR: CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO: 2ª revista e aumentada/2011 (1ª/2008)

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: MARIA DO CÉU FIALHO

CONSELHO EDITORIAL: JOSÉ RIBEIRO FERREIRA, MARIA DE FÁTIMA SILVA,

FRANCISCO DE OLIVEIRA, NAIR CASTRO SOARES

DIRECTOR TÉCNICO DA COLECÇÃO / INVESTIGADOR RESPONSÁVEL PELO PROJECTO

*PLUTARCO E OS FUNDAMENTOS DA IDENTIDADE EUROPEIA*: DELFIM F. LEÃO

CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO: RODOLFO LOPES E NELSON HENRIQUE

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS

TEL.: 239 859 981 | FAX: 239 836 733

3004-530 COIMBRA

ISBN: 978-989-8281-93-7

ISBN DIGITAL: 978-989-8281-94-4

DEPÓSITO LEGAL: 331399/11

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

POCI/2010

© CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

© CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

Volume integrado no projecto *Plutarco e os fundamentos da identidade europeia* e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

**Obra protegida por direitos de autor**

# ÍNDICE

|   |     |
|---|-----|
| PREFÁCIO  | 7   |
| Joaquim Pinheiro, José Ribeiro Ferreira, Nair Castro Soares, Rita Marnoto |     |
| PLUTARCO NO HUMANISMO RENASCENTISTA EM PORTUGAL                           | 9   |
| Nair de Nazaré Castro Soares  |     |
| PLUTARCO: O REGRESSO A TERRAS ITÁLICAS                                    | 51  |
| Rita Marnoto  |     |
| PLUTARCO E O CONCEITO DE VIRTUDE NOS REVOLUCIONÁRIOS<br>FRANCESES         | 99  |
| José Ribeiro Ferreira   |     |
| DÉBITO DE ALMEIDA GARRETT A PLUTARCO                                      | 113 |
| José Ribeiro Ferreira   |     |
| A TRAGÉDIA <i>CATÃO</i> DE ALMEIDA GARRETT.<br>COLHEITA EM PLUTARCO       | 135 |
| José Ribeiro Ferreira   |     |
| PLUTARCO EM OLIVEIRA MARTINS: O GÉNERO LITERÁRIO<br>E A CONCEPÇÃO MORAL   | 151 |
| Joaquim J. S. Pinheiro  |     |
| BIBLIOGRAFIA  | 173 |

## PREFÁCIO

Este volume de estudos sobre Plutarco, a que demos o título de *Caminhos de Plutarco na Europa*, é constituído por seis capítulos que contemplam outros tantos aspectos da recepção deste polígrafo grego na Europa, em especial em Itália, França e Portugal. No primeiro texto, “Plutarco no Humanismo Renascentista em Portugal”, Nair de Castro Soares parte do conceito de *humanitas*, essência do movimento renascentista, e mostra a sua ligação com a célebre noção de ‘doçura’, que tanto relevo tem em Plutarco; mostra ainda que, ao longo dos tempos, da época medieval à modernidade, corriam colectâneas de sentenças e de apotegmas que muito contribuíram para a formação de uma mentalidade. O segundo trabalho, “Plutarco: o regresso a terras itálicas”, da autoria de Rita Marnoto, apresenta uma visão rápida da redescoberta das suas obras em Itália, desde a época medieval aos dias de hoje. Os três estudos seguintes, realizados por J. Ribeiro Ferreira, abordam o débito dos Revolucionários Franceses a Plutarco, no que concerne ao seu conceito de ‘virtude’ (terceiro estudo “Plutarco e

o conceito de virtude nos Revolucionários Franceses”); o conhecimento que Almeida Garrett tinha da obra de Plutarco e a frequência com que a cita e utiliza os heróis como modelos (quarto capítulo “Débito de Garrett a Plutarco”) e o aproveitamento que faz da *Vida de Catão de Útica* para a sua tragédia *Catão* (quinto capítulo “A tragédia *Catão* de Almeida Garrett. Colheita em Plutarco”). Por fim, o último estudo, “Plutarco em Oliveira Martins: o género literário e a concepção moral”, investiga a possível presença de Plutarco em outro autor português, Oliveira Martins; nele Joaquim J. S. Pinheiro encarregou-se de procurar pontos de contacto entre as *Vidas* de Plutarco e as biografias compostas por Oliveira Martins.

É evidente que não pretendemos, de modo algum, ser exaustivos nem dar uma ideia aproximada da totalidade da recepção de Plutarco nestes três países. Apenas quisemos dar cinco veios – Humanismo Renascentista, Itália, Revolucionários Franceses, Almeida Garrett, Oliveira Martins, e mesmo aí sem sermos exaustivos – do imenso caudal que foram a obra, o pensamento e os valores de Plutarco. Retenhamos na memória que foi considerado o “Educador da Europa”.

*Caminhos de Plutarco na Europa* passa a ser livro que pode chegar às vossas mãos e passa a ser vosso. E pretende despertar a vossa atenção e curiosidade. Se o conseguir, todo ele sorrirá de satisfação.

Coimbra, Julho de 2011

Joaquim Pinheiro, José Ribeiro Ferreira, Nair Castro Soares, Rita Marnoto

PLUTARCO NO HUMANISMO RENASCENTISTA  
EM PORTUGAL

Nair de Nazaré Castro Soares

## PLUTARCO NO HUMANISMO RENASCENTISTA EM PORTUGAL

Nair de Nazaré Castro Soares  
(Universidade de Coimbra)

*Socrates Philosophiam e coelis deduxit in terras,  
Plutarchus introduxit in cubiculum, in conclaue,  
in thalamos singulorum.*

Erasmus<sup>1</sup>

Jacqueline de Romilly, com a agudeza e a sensibilidade que põe em todos os seus trabalhos, dedica dois importantes capítulos a Plutarco, na sua obra *La douceur dans la pensée grecque*,<sup>2</sup> onde afirma: «Vers la fin de la grande littérature grecque, on trouve, avec Plutarque, l'apogée de la notion de douceur. Chez lui, elle est partout; elle commande tout; et elle s'épanouit comme l'image même d'un idéal de vie essentiellement grec».<sup>3</sup>

O próprio vocabulário da *douceur* – termo que exprime a qualidade humana de cada situação – é mais rico e mais completo do que em qualquer outro escritor, grego ou romano.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Erasmo 1961-1962: IV, 57-58.

<sup>2</sup> J. de Romilly 1979: 275-307 (chap. XVI e XVII: «Plutarque et la douceur des héros»; «Plutarque et la douceur des sages»).

<sup>3</sup> Ibidem: 275. E prossegue a eminente professora (p. 292): «...la douceur évoquée par Plutarque s'inspire en certains cas de modèles [...]. Entre tous ces modèles, Plutarque choisit selon les circonstances; et leur combinaison même relève d'un mérite qu'aucun des auteurs précédents n'avait possédé – à savoir la finesse dans l'analyse psychologique».

<sup>4</sup> Ibidem: 274. É esta a conclusão a que chega, após o confronto que faz dos *Moralia* e das *Vitae Parallelae* de Plutarco com as obras

Diversos, com efeito, são os estudos que analisam os termos, recorrentes na obra de Plutarco, que exprimem esta noção. Entre eles, surge frequentemente o de *philanthrôpia*, que se define como a virtude por excelência do homem civilizado e bem educado.<sup>5</sup>

Essência do movimento humanista, a *humanitas* – ponto de encontro entre tradição clássica e tradição cristã – abarca os conceitos de *humanitas* como *sympátheia*, de *humanitas* como *pietas*, de *humanitas* como *charitas hominum*, que não são mais do que variações do conceito grego de *philanthropia*.<sup>6</sup>

Se não é possível encontrar no Renascimento qualquer doutrina filosófica comum, como observa Paul

de autores gregos e romanos, designadamente Platão, Aristóteles, Isócrates, Xenofonte, Cícero e Séneca. Este último tem tratados sobre os mesmos temas com os mesmos títulos, como é o caso do *De ira* e do *De tranquillitate animi*.

<sup>5</sup> Ibidem: 274-307. Sobre a noção de *philanthrôpia* – que ultrapassa o âmbito dos autores da Antiguidade greco-latina – nos autores cristãos, cf. Ibidem, «Douceur païenne et bonté chrétienne. I. La révolution du Christianisme».

<sup>6</sup> Ilustrativa, neste sentido, é a expressão de Guarino de Verona: *Humanitas dicitur doctrina et erudicio unde vocantur studia humanitatis pro illa affectione quam habemus erga homines, quam Graeci uocant philanthropia*, apud Gioacchino Paparelli (1973), *Feritas, humanitas, diuinitas. L'essenza umanistica del Rinascimento*, Napoli: 129. Paparelli demonstra (no cap. IX, p. 115-129), como os conceitos de *doctrina* e *philanthrôpia* se encontram intimamente ligados, na definição dos *studia humanitatis*, desde Petrarca e os humanistas do *Quattrocento* – Guarino de Verona, Leon Battista Alberti, Enea Silvio Piccolomini – aos primeiros humanistas europeus de Quinhentos, e entre eles Erasmo, fervoroso seguidor de Plutarco.



Oskar Kristeller,<sup>7</sup> premissa essencial de toda a cultura humanística, assente no aristotelismo ético-político e no designado «socratismo cristão», é que «o homem nasce para ser útil ao outro homem»,<sup>8</sup> pelo que o desenvolvimento dos dotes da *ratio* e do *uerbum*, que os distinguem dos outros animais, tem um alcance social. Os *studia humanitatis* são assim colocados ao serviço da «vita civile», em profunda implicação entre *doctrina* e *societas*.<sup>9</sup>

Não sem razão, Plutarco está entre os autores gregos que mais interesse despertaram no Renascimento. Houve já quem afirmasse que Cícero, Séneca, Plutarco preenchem, no essencial, o quadro de uma *humanitas* orientada no sentido da vida social, ou melhor, de uma *humanitas* destinada a torna-se *humanitas christiana*.<sup>10</sup>

Considerado pelos humanistas desde Poliziano e Marsilio Ficino, a Erasmo e Fr. Luís de Granada como um moralista capaz de fazer a síntese entre a filosofia moral pagã e o verdadeiro cristianismo,<sup>11</sup> foi assinalável

---

<sup>7</sup> P. O. Kristeller 1955: 22. Em seu entender, o Humanismo da Renascimento, movimento cultural e literário, que na sua substância não era filosófico, teve importantes implicações e consequências filosóficas, directamente relacionadas com o seu fundamental classicismo, que modelou o pensamento da época, em todos os domínios do conhecimento. Entre os autores da Antiguidade Clássica que considera favoritos do Humanismo Renascentista, conta-se Plutarco (cf. *ibidem*, e. g. p. 18 e 21).

<sup>8</sup> Vide e. g. Leon Battista Alberti 1843-1849: III. 92.

<sup>9</sup> Sobre o empenhamento cívico do primeiro humanismo italiano e, na sua pegada, do movimento humanista europeu, vide e. g. J. Benthley 1987: 196-197 (maxime); P. Burke 1987 3ª ed.

<sup>10</sup> Cf. O. Schottenloher 1972: II, 667-690 (maxime 684).

<sup>11</sup> Frei Luís de Granada refere-o explicitamente, no prefácio

a influência de Plutarco no movimento geral das ideias renascentista.

O Humanismo, que se centra no saber e nos valores da Antiguidade apoiados nos textos originais dos seus autores, criteriosamente depurados e estabelecidos pela rigorosa filologia, vai conhecer e apreciar Plutarco, nos seus escritos morais, nos *Moralia*, de grande variedade e amplitude temática, e nas *Vitae Parallelae*, as suas biografias de homens ilustres, gregos e romanos, sobre os quais estabelece o *páragon*.

Conhecido na Idade Média através do tratado pseudo-plutarquiano *Institutio Trajani*,<sup>12</sup> e redescoberto, na sua obra completa, nos finais do *Trecento*,<sup>13</sup> é sobretudo a partir do século XV que o escritor de Queroneia vai merecer edições e traduções latinas da autoria de humanistas de renome, e nas diferentes línguas vulgares, nos quatro cantos da Europa culta.<sup>14</sup>

---

da sua *Collectanea moralis philosophiae* (Olyssipone, 1571). Na sua *Ecclesiasticae rhetoricae siue de ratione concionandi libri sex* (Olyssipone, 1576) aduz os testemunhos de insignes autores e, em primeiro lugar, «Plutarco, o mais grave de todos os filósofos». Cf. trad. espanhola: L. De Granada 1945: III, 494.

<sup>12</sup> Esta obra – que segundo a tradição é o resultado do magistério de Plutarco junto do imperador Trajano –, encontrada no século XII, apresenta a orgânica do estado da Antiguidade, com um ténue revestimento cristão, e aponta no sentido da secularização. Cita-a Frei António de Beja, na sua *Breve Doutrina e ensinança de príncipes*, através de Vincent de Beauvais. Vide a este propósito, Nair N. Castro Soares 1994: 60 e 68.

<sup>13</sup> Vide August Buck 1980: 157 e sqq.

<sup>14</sup> Entre os tradutores de grego para latim, encontram-se humanistas famosos como Guarino de Verona, Francesco Barbaro, Leonardo Bruni, Francesco Filelfo, Coluccio Salutati, Bartolomeo Platina, Angelo Decembrio, Niccolò Perotti, Desidério Erasmo.

Entre estas, dadas as afinidades culturais e políticas de Portugal e Castela, merecem especial relevo as traduções castelhanas quatrocentistas de Alonso de Palencia e Carlos de Aragón, príncipe de Viana e, no século XVI, as de Diego Gracián de Alderete.<sup>15</sup>

Plutarco foi um dos autores mais frequentemente traduzidos e editados, mais lidos e imitados no Renascimento.<sup>16</sup> A Guarino de Verona se deve a tradução do tratado pseudo-plutarquiano, o *Peri paidôn agôgês*, conhecido pelo título latino *De liberis educandis*, com importância marcante na divulgação da moderna pedagogia humanista – a ponto de ser considerado conjuntamente com a obra de Quintiliano verdadeiro *vademecum* de todos os escritores pedagógicos do Renascimento.<sup>17</sup>

---

Em línguas vulgares, além das traduções para castelhano, refirmam-se as traduções de Pedro Crinito para italiano, de Thomas Elyot e Thomas North para inglês, de Jacques Amyot para francês, entre os principais. Sobre as traduções das obras de Plutarco, vide Nair N. Castro Soares 1994: 86; 87; 90; 92-93; 100; 112; 115; 116; 122; 143; 145; 149; 160; 167; 226-228; 237.

<sup>15</sup> Alonso de Palencia (1423-1492) foi pajem de D. Alonso de Cartagena e de Bessarión, em Itália, onde estudou grego com Jorge Trebizonda. D. Alonso de Cartagena, futuro bispo de Burgos, traduziu o primeiro livro do *De inuentione* de Cícero para o nosso rei D. Duarte e foi diplomata em Portugal de 1421-1427. Vide a este propósito, Nair N. Castro Soares 1994: 90.

<sup>16</sup> Vide V. R. Giustiniani 1961: 3-62; R. Aulotte 1965. Augustin Redondo (1976: 623) refere Plutarco como «l'auteur peut-être le plus lu au XVI<sup>e</sup>. siècle»; e P. O. Kristeller (1955: 18 e 21) considera-o um dos autores favoritos do Renascimento.

<sup>17</sup> São estas as palavras de G. B. Gerini 1896: 274: «Tra le molteplici operette di Plutarco, tradotte dal Guarino, è notevole l'opuscolo *Intorno all'educazione dei fanciulli*, che fece latino fra il 1410 ed il 1411, dedicandolo ad Angelo Corbinelli, il quale scritto,

# PLUTARCO: O REGRESSO A TERRAS ITÁLICAS

Rita Marnoto

## PLUTARCO: O REGRESSO A TERRAS ITÁLICAS

RITA MARNOTO  
(Universidade de Coimbra)

A obra do *Educador da Europa* teve uma projecção vastíssima, na literatura italiana, ao longo de um percurso que se estende desde o século XIV aos nossos dias. Se a Península Itálica desempenhou uma função-chave, pelo que diz respeito à recuperação moderna dos seus escritos, Plutarco é uma referência constante nas suas letras.

1. O papel da cultura italiana, enquanto fundamental via intermediária através da qual foi recuperado Plutarco, só poderá ser cabalmente compreendido tomando em linha de conta a continuidade dos elos que, ao longo da Idade Média, sempre foi mantendo com o mundo grego. É na esteira de um relacionamento que se alarga a campos muito diversos (de natureza comercial, administrativa, linguística ou religiosa) que o interesse pelo helenismo continua vivo, pontualmente, em alguns centros onde a língua grega é estudada e certos textos nela escritos são objecto de tradução.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Este quadro geral foi sintetizado por R. Weiss em alguns dos estudos reunidos em *Medieval and Humanist Greek*, com relevo para: “I. Greek in Western Europe at the End of the Middle Ages”, “II. The Greek Culture of South Italy in the Later Middle Ages”, “VIII. The Translators from the Greek of the Angevin Court of Naples”, “XIII. Per la storia degli studi greci alla curia papale nel tardo Duecento e nel Trecento”.

No Sul de Itália, na Calábria, na Apúlia e na Sicília, os rituais da Igreja continuavam a seguir a prática grega. Era significativo o número de falantes de grego dessas zonas da Península, sendo, aliás, a linguagem quotidiana de comunicação herdeira próxima do grego clássico.<sup>2</sup> Os monges de S. Basílio de Cesareia de Capadócia tiveram um papel importantíssimo, ao longo de toda a Idade Média, na vida intelectual dessas regiões. Nas suas bibliotecas, encontravam-se guardados não só textos de índole religiosa, bem como de autores profanos (Aristófanés, Platão, Euclides, Homero, Galeno), também eles objecto de estudo. A actividade translativa de grego para latim encontra-se já documentada no século XII, recebendo grandes incentivos ao tempo do imperador Frederico II de Hohenstaufen e de seu filho Manfredi, que dominaram o Sul de Itália até 1266, data do recontro de Benevento. Nas suas chancelarias, notários latinos e sarracenos ombreavam com notários gregos. Quando a casa de Anjou assume o governo da Itália meridional, o interesse pela cultura grega de forma alguma decresce. Apesar de Carlos I não ter manifestado qualquer tipo de apreço pela produção dos poetas em vulgar que haviam circulado na órbita da *Magna curia*, formando a célebre “escola siciliana”, o labor translativo continua a ser estimulado. Para além da teologia e da filosofia, são privilegiadas áreas ligadas

---

<sup>2</sup> Tal como o continuam a ser, na actualidade, os dialectos dessas zonas de Itália, pese embora uma evolução diacrónica que implicou, além do mais, a sobreposição de novos estratos linguísticos. Para uma perspectiva global desta questão, vide: M. A. Cortelazzo 1984; Tulio De Mauro 1999; G. Devoto, G. Giacomelli 2002; Rohlf 1969.

ao saber prático, com relevo para a medicina e para as ciências naturais, ao mesmo tempo que é incrementada a busca de textos gregos. Foi também nesse período que, em nome das boas relações entre a casa de Anjou e o papado, um bom número de códices gregos passou para as estantes da biblioteca da Cúria romana, onde veio a despertar a curiosidade de muitos humanistas.<sup>3</sup> Outro foi o trágico destino do rico acervo napolitano, que ficou irremediavelmente sepultado nas águas do Adriático quando, na sequência da invasão de Luís da Hungria, em 1347-48, a embarcação que carregava tão portentoso saque sofreu um terrível naufrágio.

Na Cúria papal, a língua e a cultura gregas suscitavam um interesse muito particular, o qual, além de responder a exigências de ordem litúrgica, se encontrava intimamente ligado à necessidade de manter permanentes relações com o mundo bizantino, em especial com a Igreja Grega, designadamente ao longo daquele período em que a questão da união das duas Igrejas era um assunto de primordial importância. Tornava-se indispensável, pois, a constante disponibilidade de um corpo de intérpretes, embaixadores e missionários que dominasse a língua. No entanto, o grego que se estudava na Cúria, nos séculos XIII e XIV, não seria o grego

---

<sup>3</sup> Sinal da proximidade entre a casa de Anjou e o Vaticano, ao tempo do papa Clemente IV. Todavia, essa proximidade veio a revelar-se, da mesma feita, um obstáculo à união das duas Igrejas, quando Martinho IV excomunga Miguel VIII Paleólogo em 1281, na mira de deixar aberto um espaço susceptível de facilitar a conquista do Império bizantino por Carlos I de Anjou (cf. R. Weiss 1977: 194-195).

clássico, mas, prevalentemente, o grego de Bizâncio e dos teólogos da Igreja Ortodoxa. Apesar disso, é num ambiente caracterizado por uma certa abertura ao mundo helénico que se enquadra a passagem pela Cúria de personalidades que deram um importante contributo ao incentivo do estudo do grego, como S. Tomás de Aquino e o seu colaborador Moerbeke, que traduziu numerosos textos a seu pedido. Aliás, não foram apenas os Dominicanos a apoiarem essa área do saber, pois também uma outra voz de grande influência nos meios romanos, Raimon Lull, corroborou a mesma posição. Não se possuem muitas informações acerca do ensino do grego na Cúria, embora se saiba que era praticado, mas à margem de objectivos especificamente literários. Nesse quadro, emerge o nome de Barlaam Calabro. Monge de S. Basílio, Barlaam colaborara com os Anjou no sentido de organizar a secção helénica da sua biblioteca. Em 1339, encontra-se em Avinhão com uma missão diplomática e, em 1342, ensina grego na mesma cidade. A sua nomeação como Bispo de Gerace, a 2 de Outubro do mesmo ano, leva-o, porém, a abandonar a Cúria. O seu nome ficou célebre pelo facto de, entre os seus discípulos, se contar o “primeiro moderno”, Francesco Petrarca<sup>4</sup>. Talvez trouxesse consigo o monge bizantino Símon Atumano, que encontramos de novo em Avinhão em 1363 (quando dá lições de grego a

---

<sup>4</sup> Sobre o conhecimento, pela parte de Petrarca, de Homero e da cultura grega, vide: *ibid.*, cap. “X. Per la storia degli studi greci del Petrarca: il *Triglossos*”, “XI. Notes on Petrarch and Homer”, “XII. Petrarca e il mondo greco”; e Guido Martellotti, M. Feo 1983: 579-592



Francesco Bruni) e, posteriormente, a partir de 1372, tendo-se transferido para Roma ao tempo de Urbano VI. Foi através da pena de Atumano que o Ocidente conheceu alguns dos primeiros textos de Plutarco. Mas já voltaremos à figura de Atumano.

Pelo que diz respeito às relações comerciais com o mundo grego durante os últimos séculos da Idade Média, merecem destaque dois grandes centros do comércio mediterrânico, a República Veneziana e Florença. O vínculo que liga Veneza ao Império Romano do Oriente remonta ao século VI. Perante as dificuldades em fazer face à invasão lombarda, os venezianos solicitaram a protecção do Imperador, através do Exarco de Ravena, donde resultou uma situação de dependência da qual a *Serenissima*, nos séculos sucessivos, saberá tirar o melhor proveito em termos comerciais. Se bem que esse tipo de relacionamento não se traduzisse então, necessariamente, num efectivo interesse pela cultura e pela literatura gregas, facto é que, ao longo de todo o século XV, Veneza será um dos mercados da Europa ocidental onde a aquisição de códices gregos é mais fácil. Por sua vez, a Universidade de Pádua era tradicionalmente frequentada por uma colónia de estudantes gregos, muitos dos quais cipriotas. Ao saber da presença, por aquelas paragens, de Leonzio Pilato, um calabrês aluno de Barlaam que, para elevar o seu coturno, se dizia oriundo de Salónica,<sup>5</sup> Petrarca chama-o à sua residência paduana<sup>6</sup> e, graças ao entusiasmo e às influências

<sup>5</sup> Cf. G. Billanovich 1947: 245-250.

<sup>6</sup> Petrarca possuía já o precioso códice de Homero que entrou

movidas por Boccaccio, leva-o a aceitar a cátedra que lhe era oferecida pela Universidade de Florença. O autor da *Genealogia deorum gentilium* mantinha desde a sua juventude, passada na florescente corte napolitana dos Anjou, uma viva curiosidade pela língua grega, que nunca tivera verdadeira oportunidade de satisfazer. No Outono de 1360, o Calabrês dava início às suas lições de grego com base no texto de Homero, destinadas a uma ilustre plateia onde se integravam Giovanni Boccaccio, Domenico Silvestri e o franciscano Tedaldo della Casa. Mas a instabilidade e o espírito aventureiro que lhe eram próprios impediram-no de dar continuidade à leccionação. Em 1362, abandona Florença.

Desta feita, entre os pequenos núcleos da Península itálica onde o estudo do grego se fora mantendo vivo ao longo da Idade Média, vão começando a ser estabelecidos tímidos contactos, relativos à circulação de manuscritos e ao ensino da língua, que se processam, obviamente, no âmbito do inerente contexto epocal. Todavia, assim se vai delineando uma rede de linhas que se estende entre o Nordeste da Península e Florença, com estritas ligações à Cúria papal, para se prolongar pelo Sul. É sintomático, pois, que na sua configuração fique esboçado o sistema

---

na sua biblioteca entre finais de 1353 e inícios do ano seguinte. Segundo U. Dotti 2004:192, tê-lo-ia adquirido através do bizantino Nicolau Sigerio, personagem de grande cultura que conheceu em Verona nos primeiros meses de 1348, quando esse alto dignitário se dirigia para Avinhão, e com o qual logo estabeleceu uma amizade intelectual. Sobre a metodologia de Pilato, vide G. Martellotti 1983: 241-248, “Osservazioni sul carattere orale del primo insegnamento del greco nell’Italia umanistica”.

de eixos de intersecção que marcará a geografia da literatura italiana do período renascentista – que é também dizer, a descoberta de Plutarco.

2. Posto isto, vejamos qual o lugar que cabe à obra do “Educador da Europa” neste quadro de relações. No âmbito da actividade de translação incentivada pelos normandos, o seu nome é citado pelo tradutor do *Fédon*, Enrico Aristipo,<sup>7</sup> no respectivo prefácio, em 1156. Não obstante, segundo Weiss, para o homem medieval Plutarco foi pouco mais do que um puro nome.<sup>8</sup> O proveito que Petrarca e Boccaccio tiraram das lições de Barlaam e de Pilato foi escasso, embora o esforço de aproximação à cultura helénica levado a cabo por estes intelectuais seja muito significativo. Na verdade, ficaram rasgadas vias que haviam de conduzir à implantação de grandes centros de estudo do grego e que constituíram, da mesma feita, pólos de referência basilares do Humanismo europeu. Recorde-se que “o

---

<sup>7</sup> Nos últimos anos, o mérito da actividade translativa levada a cabo por Aristipo tem vindo a ser posto em evidência, enquanto ponte mediadora através da qual a Idade Média latina teve acesso a muitos textos gregos e árabes. Traduziu o *Ménon* e o *Fédon* de Platão (a sua versão do *Fédon* serviu de referência às várias gerações de humanistas que vão de Petrarca a Salutati), o quarto livro dos *Meteorologica* de Aristóteles, e, muito possivelmente, Diógenes Laércio e Gregório de Nazianzo. Vide E. Franceschini 1962: 201-206.

<sup>8</sup> Cf. R. Weiss 1977: 205 e passim, onde também se colhem detalhadas informações acerca das primeiras traduções e vulgarizamentos de Plutarco. Esclareça-se que, relativamente à época em causa, quando falamos em tradução nos referimos à versão de grego para latim, ao passo que a translação para a linguagem vulgar será designada como vulgarizamento.

primeiro moderno” apenas conhecia Plutarco através de Aulo Gélio, e uma das notícias mais exactas que sobre ele possuía era a de que escrevera um tratado sobre a ira, *De cohibenda ira*, como resulta da epístola *Familiaris* 12.3.3. Para além disso, fica o legendário autor do apócrifo *De institutione principum* que Petrarca teria conhecido através do *Policraticus* de John of Salisbury. Apesar de esta situação nada ter de extraordinário, visto não implicar substanciais alterações em relação ao horizonte de conhecimento do intelectual da Idade Média, não deixa de ser sintomático o facto de a primeira obra de Plutarco que o mundo ocidental viu traduzida ser esse mesmo tratado cuja existência fora assinalada pelo “primeiro moderno” – *De ira*.

Teria sido no ambiente da corte papal de Avinhão que os contornos da personalidade do “Educador da Europa” começaram a ganhar alguma nitidez. Foi tradutor do *De ira* aquele Símon Atumano que circulava pela Cúria na sombra de Barlaam. Teria sido também ele próprio a accionar os meios necessários para fazer chegar o original grego a Avinhão. Conforme consta da carta dedicatória datada de 20 de Janeiro de 1373, pôs mãos à empresa a instâncias do cardeal Pietro Corsini, uma interessante personagem da Cúria avinhonense dotada de vastíssimos e surpreendentes interesses culturais. É, da mesma forma, no círculo de literatos de Avinhão que surge uma outra versão de Plutarco, desta feita um conjunto de biografias que tem a particularidade de ser registado em aragonês. No centro de uma longa cadeia de relações, encontra-se um catalão, Juan Fernández de

do interesse biográfico por via plutarquiana, através da valorização da experiência vivida nos seus particulares. Em sua opinião, o significado dessas observações é mais rico do que o das elaboradas reflexões comparativas das ‘Vidas’.

Neste contexto, não será surpreendente o facto de os ecos da obra de Plutarco se estenderem às letras italianas dos nossos dias. Em 1993, foi dada aos prelos, por Giuseppe Pontiggia, uma série de biografias de figuras de ficção que viveram entre os séculos XIX, XX e XXI, sob o título de *Vite di uomini non illustri*.<sup>50</sup> Não sendo apresentadas como personagens de excepção, conquanto dotadas de perfis vincados, essas figuras tendem a aproximar-se do horizonte do grande público, o que não será alheio à ampla receptividade do livro,

---

ingegni de' suoi paragoni. Quando Diogene Laerzio ci racconta che il divino Aristotile usava portar su la bocca dello stomaco un sacchetto di cuoio pien d'olio cotto e che, lui morto, fu ritrovata ne' ripostigli della sua casa gran moltitudine di coppi come in una bottegha di Samo, egli incita la nostra immaginativa ben più che con l'esorci non senza grossezza le dottrine del Peripato. Nelle biografie come nei ritratti noi dunque cerchiamo con avidità e gustiamo con gioia tra i segni della vita particolare quelli che più appaiono dissimiglianti dai comuni, quelli che non concernono se non la singola persona, quelli che di un capitano di un poeta di un mercatante fanno sotto il sole un uomo unico nel genere suo.” (G. D’Annunzio 1960: 12). *La vita di Cola di Rienzo* foi a única biografia, integrada no vasto projecto intitulado *Vite di uomini illustri e di uomini oscuri*, que D’Annunzio levou a bom termo.

<sup>50</sup> Milano, Mondadori, com reed. G. Pontiggia é também autor de um volume dedicado aos clássicos, no qual ficam contidas várias referências a Plutarco (Pontiggia 1998). Agradeço ao Colega Carmine Ampolo todas as informações fornecidas acerca da presença de Plutarco na actualidade italiana.

atestada por sucessivas reimpressões. Mas se, do plano da criação literária, passarmos ao da actividade crítica e editorial, deparamo-nos com um panorama que, nos últimos vinte anos, tem vindo a sofrer uma férvida e profícua evolução. O boletim da secção italiana da *Plutarchean Society* dá larga notícia dos múltiplos campos de pesquisa que têm vindo a ser persistentemente desbravados. De outra forma, mostra-se muito significativo o interesse despertado pela leitura da obra de Plutarco no seio dos mais diversificados estratos de público. São verdadeiramente notáveis os índices das tiragens das várias edições de escritos breves, não raro excertos dos *Moralia*, promovidas pelas casas Adelphi e Sellerio, cuja versão é acompanhada, neste último caso, pelo texto original. Quanto às *Vitae*, encontram-se em circulação duas séries de edições críticas, publicadas pela Mondadori e pela Rizzoli, para além de numerosas edições de divulgação.

7. De entre as poucas informações que se detêm acerca da biografia de Plutarco,<sup>51</sup> conta-se a de que o autor das ‘Vidas’ passou alguns anos na Roma imperial, depois do que voltou à pátria Queroneia. Foi dessas mesmas terras itálicas que, na alvorada do Renascimento, a sua obra ganhou nova vida para a cultura da Europa. Um clássico lega-nos valores universais que século após século continuam a brilhar nas constelações do entendimento.<sup>52</sup> Mas esse legado transtemporal

---

<sup>51</sup> “It is the irony of Fate that of Plutarch, the biographer, there is no biography”, comenta F. C. Babbitt 1949: IX .

<sup>52</sup> Muito pertinentes, a este propósito, as palavras de A. Asor

é inalienável do seu percurso através do tempo – uma viagem feita de encontros e de desencontros, de inquietudes e de perplexidades, de partidas e retornos. Também nesta viagem de regresso às terras itálicas fica um pouco da vida de Plutarco.

---

Rosa 1998: 57: “Il tempo è [...] una componente ineliminabile della costruzione di un sistema dei classici, il fattore dinamico e conflituale, con cui si scontra l’aspirazione dell’*auctor* a durare, a non essere risucchiato nel grigio gorgo delle innumerevoli identità appena appena formulate, e poi perdute. Il classico vorrebbe fermare per sempre il tempo, ma non può, perché il tempo è in lui e lo muove. E siccome anche il classico è, come tutto nella storia, creatura umana, anch’esso, nonostante la durezza della sua corazza, si muove, e in questo consiste la sua vita”.

PLUTARCO E O CONCEITO DE VIRTUDE NOS  
REVOLUCIONÁRIOS FRANCESES

José Ribeiro Ferreira



## PLUTARCO E O CONCEITO DE VIRTUDE NOS REVOLUCIONÁRIOS FRANCESES

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA  
(Universidade de Coimbra)

Alude-se sucintamente ao fascínio que a Grécia e Roma exerceram sobre a maioria dos revolucionários franceses e, em seguida, analisa-se a importância que atribuíam ao que chamavam a virtude republicana. Os traços essenciais dessa virtude encontraram-nos predominantemente na actuação dos grandes homens da Grécia e de Roma biografados por Plutarco, um autor que deve ter exercido papel importante na formação do espírito dos homens da Revolução. Estamos afinal perante uma educação pelo paradigma que na Hélade tanta influência teve na formação dos jovens.

Ao ler os textos e intervenções dos Revolucionários Franceses, deparamos amiudadas vezes com afirmações que manifestam a intenção de serem os Licurgos da França, de imitarem, como seus modelos, os grandes generais e grandes homens da Grécia e de Roma: Fócion, Cévola, Horácio Cocles, Camilo, Cincinato, Catão, Bruto; os que consideram traidores são os Catilinas e os reis os tiranos; dão nomes de figuras da Antiguidade Clássica a ruas, a povoações e comunas, ou às crianças recém-nascidas.<sup>1</sup>

É certo que, no confronto ideológico que então se verifica, nem todos têm idêntica visão da Antiguidade

---

<sup>1</sup> Ao assunto já me referi em J. R. Ferreira 1988: 203-234

Clássica e consideram positiva e benéfica a imitação das suas instituições e costumes.<sup>2</sup> Mas boa parte deles pelo menos acreditava que o passado da Antiguidade Clássica tinha algo a ensinar à França. Adquirida essa crença, durante os anos de estudo, em contacto com as obras de autores antigos – na sua quase totalidade latinos – que se referiam a um passado grandioso e idealizado da Grécia e de Roma, a leitura de tais textos leva a geração revolucionária a admirar as virtudes e liberdades republicanas dessas duas sociedades e incita-a a seguir o exemplo dos seus heróis e governantes.<sup>3</sup>

O fermento estava lançado. O estudo dos autores antigos e o convívio com a história e instituições da Grécia e de Roma originaram, pelo menos indirectamente, uma mudança psicológica. Concebidas como perfeitas em comparação com a França em que viviam, a imitação do paradigma das comunidades clássicas significava no seu modo de ver uma transformação radical.

Das referências à Antiguidade Clássica, as relativas a Roma são estatisticamente mais numerosas do que as

---

<sup>2</sup> Condorcet, por exemplo, era de opinião que a França não necessitava de imitar a Grécia e Roma. Apenas admite que com elas têm algo a aprender em política, antes da Revolução da América. Considerava que, em poesia e teatro, saber, cultura e direito, os Modernos eram superiores aos Antigos. Em consequência da Revolução e independência dos Estados Unidos da América, a partir de 1780, Condorcet menciona as instituições dos Antigos apenas com desprezo e desdém: e. g. 1968: I 403-404, 446-447; II 41 ; III 373-374, 382-383, 402-403, 534-535, 551; VII, 97-99, 202-203, 268-269, 278-279, 374-375.

<sup>3</sup> Sobre os estudos e textos lidos e comentados nos estabelecimentos de ensino frequentados por eles vide H.T. Parker 1937: 18-33.

respeitantes à Grécia; dentro desta os Revolucionários mais influentes e radicais manifestam maior preferência por Esparta e têm no geral uma visão pouco positiva, para não dizer negativa, da democracia ateniense.<sup>4</sup>

Os Revolucionários, e em especial alguns dos mais influentes, acreditavam que conseguiriam uma transformação da sociedade francesa, se nela fizessem reviver as virtudes das repúblicas da Antiguidade Clássica. Por isso, procuram ressuscitar no seu país as instituições e virtudes que vigoravam nos dias gloriosos da Grécia e de Roma. Para a consecução desse desiderato contam com o seu papel de legisladores e com o sistema educativo que pretendiam implantar.

Para muitos dos membros da Convenção, o ideal era a virtude severa das antigas Grécia e Roma, em especial de Esparta – uma virtude composta de austeridade e severidade com o próprio e com os outros, simplicidade e incorruptibilidade, caridade, doação e devoção à pátria.<sup>5</sup> Saint-Just refere que “um governo republicano tem a virtude por princípio” e Robespierre vê na virtude política um princípio fundamental do governo democrático e popular e

---

<sup>4</sup> Dos numerosos exemplos dou apenas o seguinte, tirado de um discurso que Robespierre pronunciou na Convenção em 7 de maio de 1794. Para ele o espírito oportunista de Sólon deve ser evitado e considera que, na História, Esparta “brilha como um clarão nas trevas imensas”. Cf M. Robespierre 1973: 158.

<sup>5</sup> Essa virtude é exaltada em livros, discursos, folhetos, cartas, panfletos, nos quais o recurso aos modelos da Grécia e de Roma é prática comum. Vide H. T. Parker 1937: 152-155; F. Díaz-Plaja 1960: 69-74.

proclama num discurso de 29 de setembro de 1791, pronunciado na Assembleia Nacional:

Destruí a virtude e tereis tirado à corrupção o freio mais poderoso.

Os dois referidos revolucionários consideram assim essa virtude necessária às sociedades e acentuam que ela realizou prodígios na Grécia e em Roma.<sup>6</sup> Os Jacobinos recomendavam a austeridade e a severidade como qualidades necessárias à salvação da República e, sobretudo durante o Terror, procuravam incutir uma vida ascética. Barère coloca o fundamento da república na virtude inflexível de Bruto e Courtois acentua que Nero temia mais um homem virtuoso, Traseas, do que todos os senadores juntos.<sup>7</sup> Ainda no mesmo diapasão Billaud-Varennes assegura:

A inflexível austeridade de Licurgo se converteu em Esparta no mais robusto pilar da República; o carácter débil e confiado de Sólon devolveu Atenas à escravidão. O cônsul Bruto, ao condenar à morte os seus dois filhos culpados de traição, compreendeu que tal severidade mesclada com terror abafaria por muito tempo os germes da conspiração.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Saint-Just 1968 : 327, 332-333e 358; M. Robespierre 1973: 39, 110-111, 138 (citação da p. 39).

<sup>7</sup> Cf. *Moniteur* de 25 de abril de 1793, para Barère, e *Moniteur* de 18 de novembro de 1795, para Courtois (apud F. Díaz-Plaja 1960: 70 e 74, respectivamente).

<sup>8</sup> *Moniteur* de 21 de abril de 1794 (apud F. Díaz-Plaja 1960: 72).

A virtude merece recompensa, mas o crime e a traição devem ser castigados. Por isso Villetard dá Roma como modelo, pelo modo como tratou Mânlio em duas situações distintas: ergue-lhe uma casa no Capitólio, como monumento ao seu valor, quando expulsa os Gauleses desse local, mas pouco tempo depois, ao tornar-se culpado de traição, precipita-o do alto desse mesmo Capitólio. E Villetard conclui:

Eis aqui o caminho que vos traça o exemplo de uma nação digna de ser tomada como modelo<sup>9</sup>

Robespierre considerava mesmo a austeridade uma digna irmã da pobreza. No discurso “Sobre a Popriedade”, pronunciado na Convenção Nacional em 24 de abril de 1793, afirma ser uma quimera a igualdade de bens e que é mais urgente tornar honrosa a pobreza do que proscrever a opulência, já que a barraca de Fabrício – um consul romano que ficou como símbolo do magistrado incorruptível – não tem nada que invejar ao palácio de Crasso. Por isso proclama que preferia ser um dos filhos de Aristides, educado no Pritaneu a expensas da República, a ser o presumível herdeiro de Xerxes, nascido no lama da corte para ocupar um trono adornado com o envilecimento do povo e resplandecente com a miséria pública.<sup>10</sup> Num discurso de 5 de fevereiro

---

<sup>9</sup> *Moniteur* de 6 de Maio de 1795 (apud F. Díaz-Plaja 1960:74).

<sup>10</sup> M. Robespierre 1973: 99. Robespierre aduz mais vezes o nome do ateniense Aristides como exemplo do homem justo e incorruptível: por exemplo, na p. 141, estabelece o contraste entre a Atenas degenerada do tempo de Filipe da Macedónia e a da época

- I. D. PEDRO e F. J. VERBA, *Livro da Vertuosa benefeytoria*. Ed. Crítica, introdução e notas de Adelino de Almeida Calado (1999). Coimbra [cit. VB].
- L. PERNOT (1983), “Chance et destin dans la rhétorique épидictique grecque à l’époque impériale”, in F. Jouan (ed.), *Visages du destin dans ls mythologies: Mélanges Jacqueline Duchemin (Actes du Colloque de Chantilly 1<sup>er</sup>-2 mai, 1980)*. Paris, 121-9.
- C. PELLING (2002), “Plutarch’s method of work in the Roman Lives” in *Plutarch and History*. Wales.
- J. C. PIMPÃO (1989): Prefácio à edição de *Os Lusíadas*, Lisboa.
- Frei H. PINTO (1952) *Imagem da vida cristã*, com prefácio e notas de P.<sup>e</sup> M. Alves Correia.
- D. PLACIDO (1995), “La Demokratía de Plutarco”, in I. Gallo & B. Scardigli (eds.), *Teoria e Prassi Politica nelle Opere di Plutarco*. Napoli, 131-138.
- G. PONTIGGIA (1998), *I contemporanei del futuro*. Milano.
- A. QUONDAM (1993), “Introduzione”, S. Guazzo, *La civil conversazione*. Modena, Ferrara, VII-LXXVIII.
- F. RABELAIS (1959), *Pantagruel*. Texte établi et présenté par Jean Plattard. Paris, cap. VIII: 42.
- G. RAGONE (1983), “La letteratura e il consumo: un profilo dei generi e dei modelli nell’editoria italiana”, in A. Asor Rosa (dir.), *Letteratura italiana. 2. Produzione e consumo*. Torino, 741-742.

- A. C. RAMALHO (1986): “João de Barros e Erasmo: a propósito da *Viciosa Vergonha*” (Notas de investigação - XXVI), *Humanitas* 37-38: 275-280.
- (1998 e 2000), *Para a história do Humanismo em Portugal* III e IV. Lisboa.
- A. REDONDO (1976), *Antonio de Guevara (1480?-1545) et l'Espagne de son temps. (De la carrière officielle aux oeuvres politico-morales)*. Genève.
- G. ROHLFS (1969), *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti*, Torino, 3 vol.
- J. DE ROMILLY (1979), *La douceur dans la pensée grecque*. Paris.
- J. SADOLETO, *Traité d'éducation du Cardinal Sadolet et vie de l'auteur par Antoine Florebelli*. Traduit pour la première fois avec texte latin, notes explicatives et justificatives par P. Charpenne (1855). Paris.
- O. SAUVAGE (1970), *Luisa Sigeia. Dialogue de deux jeunes filles sur la vie de retraite (1552)*. Présenté, traduit et annoté. Paris.
- B. SCARDIGLI, ed. (1995), *Essays on Plutarch's Lives*. Oxford.
- C. SCARPATI (1987), *Dire la verità al principe. Ricerche sulla letteratura del Rinascimento*. Milano, 11-44.
- O. SCHOTTENLOHER (1972), “Érasme et la «Respublica Christiana»”, in *Colloquia Erasmi Turonensis*, vol. II. Paris: 667-690.

- L. A. SÉNECA, *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos (1991). Lisboa.
- M. SIMONDON (1982), *La mémoire et l'oubli dans la pensée grèque jusqu'à la fin du V<sup>e</sup> siècle avant J.- C.* Paris.
- N. N. C. Soares (1993), “A literatura de sentenças no Humanismo Português: res et uerba”, in *Actas do Congresso internacional Humanismo Português na época dos Descobrimentos* (Coimbra 9-12 de Outubro de 1991). Coimbra; e in *Humanitas* 43-44 (1991-1992): 377-410.
- (1993a), “A *Virtuosa Benfeitoria*, o primeiro tratado de educação de príncipes em português”, *Biblos* 69 -*Actas do Congresso Comemorativo do 6<sup>o</sup> Centenário do Infante D. Pedro* (Coimbra, de 25 a 27 de Novembro de 1992). Coimbra: 289-314.
- (1994), *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*. Coimbra.
- (2002), “A Historiografia do Renascimento em Portugal: referentes estéticos e ideológicos humanistas”, in Luís F. R. Thomaz (ed.), *Aquém e Além da Taprobana. Estudos Luso-Orientais à memória de Jean Aubin e Denys Lombard*. Lisboa.
- (2002a) “Cataldo e Resende: da pedagogia humanista de Quatrocentos à influência de Erasmo”, in *Cataldo e Resende. Actas do Congresso Internacional do Humanismo Português* (Coimbra-Lisboa-Évora, 25 a 28 de Outubro de 2000). Lisboa.
- S. SWAIN (1989), “Plutarch’s De fortuna Romanorum”,



CQ 39.2 504-516.

- (1998r), *Hellenism and Empire: language, classicism, and power in the Greek world, AD 50-250*. Oxford.
- H. A. TAINE (1892), *Les origines de la France contemporaine. La Révolution. III— Le gouvernement révolutionnaire*. Paris.
- J. P. TAVARES (1963), *Obras Portuguesas de André de Resende*. Lisboa.
- D. de TEIVE (1786), *Epodos que contém Sentenças úteis a todos os homens, às quais se acrescentam Regras para a boa educação de um Príncipe. Composto tudo na Língua Latina pelo insigne português Diogo de Teive. Traduzido no vulgar em verso solto por Francisco de Andrade. Copiado fielmente da edição de Lisboa de 1565*. Lisboa.
- É. V. TELLE (1954), *Érasme de Rotterdam et le septième sacrement. Étude d'évangélisme matrimonial au XVIe. siècle et contribution à la biographie intellectuelle d'Érasme*. Genève.
- E. VALGIGLIO (1987), «Ἱστορία e Βίος in Plutarco», *Orpheus* ns. 8 50-70.
- J. F. de VASCONCELOS, *Comédia Eufrosina. Texto de la edición príncipe de 1555 con las variantes de 1561 y 1566*. Ed. Eugenio Asensio (1951). Madrid.
- P. P. VERGERIO (1918), *De ingenuis moribus et liberalibus studiis adolescentiae*. Ed. A. Gnesotto. Padova.
- P. VILLEY (1912), *Les sources d' idées*. Paris.

- F. A. YATES (1975), *L'art de la mémoire*, trad. de l'anglais par Daniel Arasse. Paris.
- R. WEISS (1977), *Medieval and Humanist Greek*. Padova
- D. WITTENBACH (1820), *Animadversiones in Plutarchi Opera Moralia*. Leipzig.
- M. ZANCAN (1988), “Venezia e il Veneto”, in A. Asor Rosa (dir.), *Letteratura Italiana. Storia e geografia*. 2. *L'età moderna*. 1, Torino, 619-741.

**COLEÇÃO AUTORES**  
**GREGOS E LATINOS – SÉRIE ENSAIOS**

1. Carmen Soares, José Ribeiro Ferreira e Maria do Céu Fialho: *Ética e Paideia em Plutarco* (Coimbra, CECH, 2008).
2. Joaquim Pinheiro, José Ribeiro Ferreira, Nair Castro Soares, Rita Marnoto: *Caminhos de Plutarco na Europa* (Coimbra, CECH, 2011). 2ª edição, revista e com um novo estudo.
3. Cláudia Teixeira, Delfim F. Leão and Paulo Sérgio Ferreira: *The Satyricon of Petronius: Genre, Wandering and Style* (Coimbra, CECH, 2008).
4. Teresa Carvalho, Carlos A. Martins de Jesus: *Fragmentsos de um Fascínio. Sete ensaios sobre a poesia de José Jorge Letria* (Coimbra, CECH, 2009).
5. Delfim Ferreira Leão, José Ribeiro Ferreira e Maria do Céu Fialho: *Cidadania e Paideia na Grécia Antiga* (Coimbra, CECH, 2010).
6. Maria de Fátima Silva and Susana Hora Marques: *Tragic Heroines on Ancient and Modern Stage* (Coimbra, CECH, 2010).
7. Ália Rosa Rodrigues, Carlos A. Martins de Jesus, Rodolfo Lopes: *Intervenientes, Discussão e Entretenimento, No Banquete de Plutarco* (Coimbra, CECH, 2010).

8. Luísa de Nazaré Ferreira, Paulo Simões Rodrigues e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco e as Artes. Pintura, Cinema e Artes Decorativas* (Coimbra, CECH, 2010).

IMPRESSÃO:  
SIMÕES & LINHARES, LDA.  
AV. FERNANDO NAMORA, N.º 83 - LOJA 4  
3000 COIMBRA

